Roteiro pessoal de EDCG: de onde parto, o mundo que queremos ou pela mão da La Salete

Ana Poças[1]

Escrever este texto é um desafio enorme, estou mais habituada a escrever sobre temas específicos, colocando as minhas ideias, mas sempre baseada nas ideias de outros, dados, estudos e estatísticas.

Escrever de um ponto de vista totalmente pessoal parece-me, de certo modo irrelevante: quem sou eu para escrever sobre um tema que não tenho estudado, nem me dedicado assim tanto? Então, obrigo-me a ver a minha vida de trás para a frente para tentar perceber onde está a Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global e a **primeira paragem** é aos 16 anos quando recebo um calendário das missões jesuíticas, com uma fotografia de uma escola em moçambique debaixo da árvore e penso "Eu também quero ser professora numa comunidade africana". Agora sei que esta vontade se salvar as crianças do mundo inteiro tem um nome: 'white savior complex', mas aos 16 anos foi apenas o mais inocente, genuíno e cristão 'amor ao próximo'.

A **próxima paragem** é aos 21 anos quando decido perder as noites de farra das 5.ª feiras, na Praça do Peixe e no Estrondo em Aveiro, para frequentar as formações do GAS' África no Porto e, em agosto de 2003, fazer dois meses de voluntariado no Lubango, em Angola. Foi a primeira vez que saí da Europa, e confesso que passei o primeiro mês a pensar se estava mesmo a gostar de lá estar e o segundo mês a chorar porque não queria voltar para casa. Ao dia de hoje, compreendo que a formação de vários meses foi uma mais-valia, mas que o trabalho desenvolvido, muito pouco estruturado e sem algo de concreto que ficasse para além daqueles dois meses, me parece desajustado. No entanto, mesmo sem saber ainda dos chavões da sustentabilidade, creio que intuitivamente sabíamos que a nossa ação individual ou de um pequeno grupo não tem impacto real e a longo prazo.

A estadia de 6 jovens portugueses no Lubango despertou a atenção de jovens angolanos que nos quiserem conhecer. Já perto do final da missão, convidamos esses amigos para irem ao parque de campismo onde ficava a nossa 'casa', aproveitamos as competências de escuteiro do João, fizemos uma fogueira e ficamos noite dentro a conversar. Talvez mais movidos pela curiosidade do que por outra coisa, quiseram falar connosco sobre o voluntariado, o que nos movia. Incentivamos alguns a fazerem o mesmo que nós – visita a doentes no hospital e

[1] Docente da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF) e Investigadora do Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP).

explicações a meninos e meninas de duas casas de acolhimento – e, se bem me lembro, dois ou três aceitaram o convite. Não houve seguimento, por isso, não sei se houve continuidade. Pessoalmente, foi uma experiência muito marcante. Durante um ano, não houve um dia que não pensasse no Lubango, nas pessoas e no que lá vivi. Desses dois meses saiu uma certeza, iria viver e trabalhar novamente no continente africano.

E como muitas vivências transformadoras levam o seu tempo a maturar, só em 2008 tive a **terceira e derradeira paragem**: a Guiné-Bissau. Seria maçador contar-vos como foi a seleção, as minhas dúvidas e como passei de achar que só ficaria um ano para continuar com uma ligação muito forte de 18 anos. A Guiné-Bissau trouxe-me, sobretudo, consciência política, histórica e social. Percebi melhor a colonização, a descolonização e como repetimos padrões de qualidade, políticas, modos de atuação descontextualizados. E por isso, continua a fazer questionar-me que mundo quero. Podemos tentar fugir e, a nível pessoal, conseguir ter opções em consonância com os nossos valores e princípios, mas não nos podemos esconder, pois estamos constantemente a esbarrar num mundo injusto. Os dilemas éticos da cooperação são constantes. Por mais que esteja consciente de que as agendas globais da educação não cabem nos modelos culturais e sociais dos países, continuo a acreditar que é possível fazer intervenções que melhorem a educação e a vida das pessoas, agora já sem o ímpeto 'white savior complex', mas com mais responsabilidade, pelo que fui aprendendo e pelo tipo de trabalhos que vou assumindo.

A Cooperação foi para mim, assim como para muitos, a entrada na Educação para o Desenvolvimento, não só porque ouvi esta 'expressão' na Guiné-Bissau pela primeira vez, quando a La Salete me disse que ia concorrer a algo ligado a esta área, mas sobretudo porque foi trabalhando na cooperação para o desenvolvimento que fui aprofundando conhecimentos, práticas e reflexões sobre as temáticas da EDCG, qual o meu papel como educadora e que contributos posso dar, no meu trabalho, para a transformação social. Por outro lado, talvez sejam as 'lentes da EDCG' que me façam ter uma visão mais crítica do meu próprio percurso, desde a minha vontade de salvar o mundo até ao ponto de questionar posições vigentes de entidades contratantes.

No regresso a Portugal, a **paragem quatro**, e pela mão a La Salete, comecei a percecionar melhor esta área através de formações, encontros, conhecimento de projetos e atividades. Mesmo no nosso país, a Cooperação para o Desenvolvimento continua a ser a minha área de trabalho preferencial, no entanto, tenho em mãos a responsabilidade de, em breve, lecionar esta área de estudos, conciliando a Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global, a Cooperação para o Desenvolvimento, a Educação em Situações de Emergência e o Voluntariado. Para mim é muito claro que a Educação para o Desenvolvimento é o chapéu, a chave de leitura do mundo para compreender as outras áreas. O desafio será perceber como elas se complementam e, nas suas especificidades, se ligam.

Continuo, portanto, a contar com a Comunidade Sinergias ED para me apoiar nesta minha quarta paragem, tanto através da consulta dos vários suportes teóricos e práticos que tem produzido ao longo dos anos mas, sobretudo, para a partilha de dúvidas e aprendizagem em conjunto.

ÍNDICE